



PAPO
COM DEUS

**GOGUE, MAGOGUE
E A BATALHA DO
ARMAGEDOM**



Gogue e Magogue
e a Batalha do
Armagedom





Sumário

Qual a Diferença entre a Batalha de Gogue e Magogue e a Batalha do Armagedom?	5
Armagedom: O Palco Milenar da Batalha Final .	5
Megido: Palco de conflitos através dos tempos	6
As camadas de Megido: um testemunho da história	7
Porque muitos intérpretes bíblicos acreditam na Batalha Final com o Israel étnico?	8
A Guerra de Gogue e Magogue	10
A Batalha Final: Um Olhar Para Além da Literalidade.....	11
Rio Eufrates Seca?!	12
Os Targum Jeremias 51:36, 41.....	14
Os espíritos de rãs, o que são?	16
Os Reis da Terra.....	18
A Guerra Final: Uma Confluência de Profecias	19
O Armagedom não parece ser literal.....	22
Daniel 2 e Ezequiel 38-39: Uma Conexão Profética da Igreja de Cristo.	24
A localização do Megido.....	25
Batalha Espiritual: Desvendando o Simbolismo de Armagedom.....	27
Além da geografia: A Batalha do Armagedom e o Levante de Gogue e Magogue	28



Deus é quem constrói sua habitação.....	30
O Templo de Ezequiel: Revelando o Templo Eterno em Cristo.....	31
O tempo não estará restrito a um local específico	32
O Espírito Santo inaugura o novo Templo	37
A Busca pela Identidade de uma nação por trás de Gogue e Magogue: Um Caminho Perigoso .	38
Afinal, então, quem é o Gogue que virá de Magogue para atacar o Israel de Deus?	41
A Ação de Jesus sobre o Iníquo: Além da Aniquilação Literal	44
A Invasão pelo Norte: Interpretação Histórica e Simbólica	45
Ezequiel: Do Julgamento à Restauração - Um Apocalipse de Esperança	46
Doxologia.....	48
Referências Bibliográficas.....	50
Autores	53
Créditos	54



Qual a Diferença entre a Batalha de Gogue e Magogue e a Batalha do Armagedom?

A relação entre a Batalha de Gogue e Magogue e a Batalha do Armagedom é um tema complexo e muito debatido em círculos teológicos, com diferentes conclusões dependendo da linha de interpretação.

Em resumo, as duas batalhas parecem não ser o mesmo evento por estarem separadas em livros diferentes, mas nós cremos que estão conectadas narrativamente e simbolicamente.

Armagedom: O Palco Milenar da Batalha Final

O livro de Apocalipse, último livro da Bíblia Cristã, descreve um confronto final de proporções épicas: a batalha do Armagedom. Este evento cataclísmico colocará frente a frente as forças divinas, lideradas pelo próprio Deus, contra as hostes do mal, comandadas por Satanás.

A palavra Armagedom, derivada do hebraico "Har Megiddo" - Monte Megido - aponta para um local físico com significado histórico e espiritual: a antiga cidade de Megido, localizada no norte de Israel.

Q

NOTA: O curioso é que na volta de Jesus não haverá guerra, porque Jesus destrói o anticristo e seus inimigos com o sopro da sua boca (Apocalipse 19.21, 2Tessaonicenses 2.8). Esse já deveria ser um ponto para nos atentarmos sobre uma batalha não geográfica mas de dimensões espirituais. Mas vamos em frente para vermos o que mais podemos aprender.

Megido: Palco de conflitos através dos tempos

Megido ocupava uma posição estratégica na antiguidade, situada na Via Maris, principal rota comercial que conectava a Mesopotâmia ao Egito. Essa localização privilegiada fez da cidade um ponto central para o comércio e também um importante posto militar, o que a tornou palco de inúmeras batalhas e conquistas ao longo dos séculos.

A história de Megido é marcada por conflitos, alguns dos quais merecem destaque:

- **Século XV a.C.:** Uma coalizão de exércitos cananeus enfrentou o Egito, liderado pelo faraó Tutmés III. A vitória egípcia consolidou o domínio da região do Mediterrâneo Oriental por essa poderosa civilização.



- **Século VII a.C.:** Megido testemunhou o confronto entre o Egito, sob o comando do faraó Necao II, e o Reino de Judá, resultando na vitória egípcia.
- **1918 d.C.:** Durante a Primeira Guerra Mundial, as tropas otomanas foram derrotadas em Megido, demonstrando a importância estratégica da região até os tempos modernos.

As camadas de Megido: um testemunho da história

As sucessivas batalhas e reconstruções de Megido resultaram na formação de um monte artificial, construído sobre as ruínas das civilizações que a habitaram. Escavações arqueológicas iniciadas em 1925 revelaram camadas que remontam ao período neolítico, oferecendo um vislumbre fascinante da vida em Megido ao longo dos milênios.

As descobertas arqueológicas incluem:

- **Templos monumentais:** evidências da importância da religião para os habitantes de Megido.
- **Palácios luxuosos:** testemunhos da riqueza e poder dos líderes que governaram a cidade.



- **Fortalezas imponentes:** marcas da necessidade constante de defesa em tempos de guerra.
- **Túnel subterrâneo:** uma engenhosa solução para o transporte de água, fundamental para a sobrevivência da cidade.

A escolha de Megido como local da batalha final descrita no Apocalipse não parece ser mera coincidência. A história de conflitos e disputas da cidade, aliada à sua localização estratégica, a tornam um símbolo poderoso do embate entre o bem e o mal.

Atualmente, o Parque Nacional de Megido preserva este importante sítio arqueológico, reconhecido como Patrimônio Mundial pela UNESCO. A visita a este local oferece uma oportunidade única de contemplar as marcas da história e refletir sobre o significado espiritual de Armagedom, o palco da batalha final que decidirá o destino da humanidade.

Porque muitos intérpretes bíblicos acreditam na Batalha Final com o Israel étnico?

Zacarias 14:1-4 - Esta passagem descreve um dia em que todas as nações se reunirão contra Jerusalém, resultando em uma grande batalha,

Q

com a intervenção divina subsequente e a vitória de Deus. Embora não seja chamado "Armagedom", muitos estudiosos e teólogos veem paralelos com as descrições do Apocalipse.

Ezequiel 38–39 - Estes capítulos falam da batalha de Gogue e Magogue, onde nações de várias partes do mundo se unirão para atacar Israel. Deus intervém milagrosamente para proteger seu povo. Este evento é frequentemente associado ou comparado com a batalha de Armagedom no entendimento escatológico.

Embora a palavra "Armagedom" e o evento específico descrito em Apocalipse não sejam mencionados diretamente, as ideias e imagens são consistentes com o apocalipticismo encontrado em algumas partes do Antigo Testamento.

Essa linha de interpretação de uma batalha contra o Israel terreno é aceita por algumas linhas de interpretação, podemos citar o dispensacionalismo que tem talvez como seu grande erudito o Dr. George Eldon Ladd. Nós não temos essa linha de interpretação, vamos explicar o porque mais adiante.



A Guerra de Gogue e Magogue

A guerra profética de Gogue e Magogue, descrita em [Ezequiel 38-39](#), cativou a imaginação de muitos ao longo dos séculos. Esta batalha bíblicamente predita prevê Gogue da terra de Magogue e uma coligação de nações, levantando-se contra Israel num momento em que o povo judeu regressou do exílio e vive na sua terra em paz e segurança (Ezequiel 38:8). Prevê uma imensa batalha que culminará na vitória de Deus sobre as forças de Gogue, seguida por uma aceitação mundial da autoridade suprema de Deus ([Ezequiel 38:23](#)). Termina com uma promessa divina de que Deus nunca mais esconderá Sua face de Israel e, em vez disso, derramará Seu espírito santo sobre Sua nação escolhida ([Ezequiel 39:29](#)).

A guerra de Gogue e Magogue passou a ser entendida como essencial para a visão do judaísmo tradicional do fim dos dias, uma batalha final entre o bem e o mal que dará início a um período de paz eterna e restauração do seu povo na sua pátria

Maimônides escreve: “A interpretação literal das palavras dos profetas parece implicar que a guerra de Gogue e Magogue ocorrerá no início da era “messiânica”. E nós cristãos acreditamos que o Messias já veio, portanto para os judeus



essa batalha ainda terá inicio com a vinda do Messias e para algumas linhas de pensamento, ela já pode ter começado ou ocorrerá no retorno de Cristo em glória dependendo da vertente escatologia que se segue.

Pois o ponto central do cristianismo é Jesus, que já veio e agora aguardamos pelo seu retorno.

NOTA: Maimônides, também conhecido como Rambam (Rabbi Moshe ben Maimon), foi um influente filósofo, jurista e médico judeu da Idade Média. Nascido em 1135 em Córdoba, na Espanha, e falecido em 1204 no Egito, ele é uma das figuras mais proeminentes do judaísmo medieval.

Como essa batalha nunca ocorreu, muitos teólogos aguardam um levante final contra Israel, a nação no Oriente Médio, e o cerco a Jerusalém, considerada a Terra Santa. Essa interpretação é compartilhada por muitos que simpatizam com essa visão tradicional.

A Batalha Final: Um Olhar Para Além da Literalidade

O objetivo desse capítulo é analisarmos os versos de apocalipse 16:12 – 16, olhando o texto como uma unidade dentro na narrativa do livro do apocalipse e como esses versos podem se associar e fazer paralelos com o



antigo testamento. A proposta é observamos o diálogo interdiscursivo e as ressignificações proposta por João dentro da narrativa de Guerra Escatológica estabelecida no livro do apocalipse.

E o sexto anjo derramou a sua taça sobre o grande rio Eufrates; e a sua água secou-se, para que se preparasse o caminho dos reis do oriente. 13 E da boca do dragão, e da boca da besta, e da boca do falso profeta vi sair três espíritos imundos, semelhantes a rãs. 14 Porque são espíritos de demônios, que fazem prodígios; os quais vão ao encontro dos reis da terra e de todo o mundo, para os congregar para a batalha, naquele grande dia do Deus Todo-Poderoso. 15 Eis que venho como ladrão. Bem-aventurado aquele que vigia, e guarda as suas roupas, para que não ande nu, e não se vejam as suas vergonhas. 16 E os congregaram no lugar que em hebreu se chama Armagedom. (Ap 16: 12 – 16)

Rio Eufrates Seca?!

Começaremos mostrando que há uma universalização figurativa não apenas no sentido do nome Babilônia e do Rio Eufrates, mas também de Ciro e seus aliados, "os reis do nascer do sol", que são interpretativamente elevados a "os reis de toda a terra habitada"

Q

(16:14; 17:18). O mesmo fenômeno pode aparecer em Ap 20:8, onde os tradicionais inimigos do norte, "Gogue e Magogue", que também são "reunidos para a batalha" (Ap 16:14), são explicados como "as nações nos quatro cantos da terra".

Por que citamos Ciro aqui nesse contexto? Pelo fato de Ciro ter invadido a babilônia e a derrotado através da secagem do rio Eufrates e assim também libertando o povo Israelita do Domínio do império neo-babilônico. Uma alusão histórica a narrativa de João no Ap 16. É um consenso que os "rios e águas" tornando-se em sangue em Ap 16:4 é figurativo, da mesma forma deve ser entendida a secagem do "rio" e da "água" em Ap 16:12.

A frase "sobre o grande Rio, o Eufrates" ἐπὶ τὸν ποταμὸν τὸν μέγαν τὸν Εὐφράτην) é encontrada anteriormente na sexta trombeta (9:14: ἐπὶ τῷ ποταμῷ τῷ μεγάλῳ Εὐφράτῃ). Lá, quatro anjos são soltos para matar um terço da humanidade por agentes demoníacos.

Essa ação provavelmente cobre todo o período entre o aumento da iniquidade até o retorno de Cristo (Ap 9:14-19). Perceba que ela não é um período curto de tempo. Provavelmente do inicio da igreja até os nossos dias.
Se for assim, então a sexta trombeta contém um padrão punitivo que encontra consumação

Q

na sexta taça. Por outro lado, a sexta trombeta pode ser temporalmente paralela à sexta taça. Ambas referem-se à enganação demoníaca dos incrédulos, embora a primeira possa focar em uma

perspectiva celestial do prelúdio ao último julgamento e a última em seus efeitos terrestres.

Importante notar também que o efeito da sexta trombeta é limitado a um "terço da humanidade",

enquanto a sexta taça afeta "os reis de toda a terra habitada" (16:14) e toda a humanidade incrédula (17:8, 15, como também é implícito por 16:2, 6 7, 10).

Os Targum Jeremias 51:36, 41

Os Targum Jeremias 51:36, 41-44 oferece paralelos gerais para Apocalipse 16:12, já que também

possui uma interpretação figurativa do mar e do rio e da secagem do Eufrates.

A conclusão que podemos tirar é que a secagem do rio tem um paralelo figurativo com as imagens do antigo testamento, diversos textos tem essas características descritiva das águas, rios e mares secando como uma ação divina de Deus para liberta seu povo ao mesmo tempo que destrói as forças inimigas.



Resumindo o argumento acima o termo secar o rio Eufrates faz uma alusão a proteção divina de

Deus ao seu povo, enquanto, Ele reúne os inimigos do seu povo propositalmente no lugar determinado por Ele para sobrevir o seu juízo.

NOTA: O Targum de Jeremias é uma tradução aramaica do livro bíblico de Jeremias, parte da tradição dos Targumim, que são traduções e paráfrases das Escrituras Hebraicas em aramaico. O aramaico era a língua franca do povo judeu durante o período do Segundo Templo, e os Targumim foram desenvolvidos para tornar as Escrituras acessíveis a aqueles que não falavam hebraico fluentemente.

Os Targumim são mais do que meras traduções; eles frequentemente incorporam elementos de interpretação e comentário rabínico. Eles não apenas vertem o texto hebraico para o aramaico, mas também expandem e elucidam passagens para garantir que a mensagem seja clara e compreensível para os ouvintes. Dessa forma, os Targumim servem tanto como traduções quanto como comentários exegéticos.



Os espíritos de rãs, o que são?

Provavelmente o trecho narra um a interpretação simbólica dos "espíritos impuros" e "rãs" em

Apocalipse 16:13, onde eles representam espíritos demoniacos envolvidos em atividades enganosas. Esse simbolismo está enraizado em tradições bíblicas e em outras tradições antigas onde as rãs são associadas com engano e espíritos impuros.

Na narrativa bíblica, a praga das rãs no Egito é mencionada em Éxodo 8, serviu como uma crítica à deusa egípcia Heqt, associada à ressurreição, ela é representada por uma rã. Essa atividade enganosa é apropriadamente retratada como semelhante a uma rã, já que o trio maligno tenta enganar as pessoas sobre o suposto fato da ressurreição da besta (Apocalipse 13).

De acordo com uma tradição, os magos egípcios conseguiram produzir rãs com a ajuda de demônios. Além da deusa Heqt, os deuses egípcios Amon e Ísis também eram representados pelo emblema da rã.

Artemidoro, em Oneirocrita 2.15, afirma, em conexão com a interpretação de sonhos, que "rãs significam trapaceiros."

Conforme os escritos zoroastrianos, o deus Ahriman às vezes se transformava em um

Q

"espírito maligno" semelhante a um lagarto, que causava a difusão de rãs pela terra. Ahriman também infligia à terra com fome, doenças e coisas similares a rãs .

Há também um aviso de que, se alguém matasse o espírito demoníaco de três cabeças Azhi Dahaka, o demônio liberaria hordas de cobras, escorpiões e rãs. Na Assíria, a rã estava relacionada ao deus Apsû. Interessantemente, na Assíria, a rã era usada como uma oferta substitutiva no culto religioso. Rãs também parecem ter uma ligação estreita com deidades pagãs ou religião em Plutarco, no Banquete dos Sete Sábios 21 e Oráculos em Delfos 12.

Em apocalipse esses demônios estão "fazendo sinais ($\piοιο \tilde{v} ντα σημε \tilde{i} α$)," o que os identifica ainda mais com o trabalho dos agentes enganosos do capítulo 13. Acima de tudo, esses espíritos estão associados à atividade da segunda besta ou falso profeta, cujo trabalho é descrito em 13:13 e 19:20 respectivamente com $\piοιε \tilde{i} σημε \tilde{i} α$ ("ele faz sinais") e $\dot{\circ} \piοιήσας τ \dot{a} σημε \tilde{i} α ... \dot{e} ν ο \tilde{i} \zeta$ $\dot{e} πλάνησεν το \tilde{v} \zeta λαβόντας τ \dot{o} χάραγμα το \tilde{v}$ $\thetaηρίου κα \dot{i} το \tilde{v} \zeta προσκυνο \tilde{v} ντας τ \tilde{y} ε \dot{i} κόνι$ $\alpha \dot{v} το \tilde{v}$ ("aquele que fez os sinais ... pelos quais ele enganou aqueles que receberam a marca da besta e aqueles que adoraram sua



imagem"). Aqui, a enganação é direcionada aos "reis". Da mesma forma, nas pragas do Êxodo, as rãs afetaram primeiro o rei (Êxodo 8:3--4), e o Salmo 104[105]:30 lmo 104[105]:30 LXX diz apenas que "reis" no Egito foram atingidos pelas rãs. LXX diz apenas que "reis" no Egito foram atingidos pelas rãs.

Os Reis da Terra

Em Apocalipse 16:14, os reis mencionados são descritos como "de toda a terra habitada" ($\tau\eta\eta\varsigma$ οἰκουμένης ὥλης), e não apenas de uma região específica. Essa expressão, encontrada também em outros trechos do Apocalipse e na literatura joanina (3:10; 12:9; cf. 13:3 e 1 João 2:2; 5:19), indica um alcance abrangente. De fato, "os reis do oriente" podem ser interpretados como sinônimos de "os reis de toda a terra habitada".

O caráter universal da profecia também é evidente em Apocalipse 13:13 e 19:19-20, onde tanto "os reis da terra" quanto "os habitantes idólatras da terra" são enganados. Portanto, esses reis provavelmente representam as autoridades políticas do sistema mundial ímpio. Aliás, a expressão "reis da terra" é utilizada com um sentido político terreno repetidamente em outros



trechos do Apocalipse (1:5; 6:15; 17:2, 18; 18:3, 9), referindo-se à aliança dos reis com a Babilônia idólatra.

Esses reis mundanos são reunidos sob a influência de forças demoníacas, como indicado nos versículos 13-14. O objetivo é "reuni-los para a guerra do grande dia de Deus Todo-Poderoso." Essa mesma expressão aparece nos capítulos 19 e 20, referindo-se à besta e ao dragão que reúnem reis para lutar contra Cristo em sua vinda final.

A Guerra Final: Uma Confluência de Profecias

O Apocalipse menciona três vezes a "guerra do grande dia de Deus" (16:14; 19:19; 20:8), uma batalha que representa o clímax da história, a confrontação final entre as forças do mal e Deus. Essa guerra encontra suas raízes nas profecias do Antigo Testamento, especialmente em Zacarias 12-14 e, possivelmente, em Sofonias 3, que descrevem a reunião das nações contra Israel para a batalha final.

Em cada uma das passagens apocalípticas, o artigo definido é usado como "guerra" ($\tau\circ\pi\circ\lambda\circ\varepsilon\mu\circ\nu$), referindo-se à "Guerra do Fim" profetizada no Antigo Testamento. Essa guerra, como demonstrado em Apocalipse 20:7-10, faz parte do ataque final de Satanás



contra os santos. Ela se conecta com a batalha descrita em Apocalipse 11:7, onde a "besta" tenta destruir os fiéis da Terra. O artigo definido nesse contexto se refere tanto à profecia do Antigo Testamento quanto à batalha inicial descrita em Apocalipse 11:7.

O título "guerra do grande dia de Deus" indica um julgamento decisivo sobre os injustos, um conceito presente em Joel 2:11 e Sofonias 1:14, e que culmina na profecia escatológica de julgamento em Joel 2:31. Essa mesma ideia é expressa em Apocalipse 6:17: "o grande dia da ira deles" (ἡ μέρα ἡ μεγάλη τῆς ὁργῆς αὐτῶν). As nações, enganadas a pensar que exterminarão os santos, são reunidas por Deus para enfrentarem o seu próprio julgamento nas mãos de Jesus (19:11-21).

O Antigo Testamento fornece o contexto para a reunião dos reis para a batalha: Zacarias 14:2, "ἐπισυνάξω πάντα τὰ ἔθνη ἐπὶ Ἱερουσαλήμ εἰς πόλεμον"; cf. de forma semelhante Zacarias 12:3-4, "todas as nações da terra serão reunidas contra ela. Naquele dia, diz o Senhor Todo-Poderoso ...", e 14:13-14, "e haverá naquele dia um grande pânico ... e Deus reunirá o poder das nações." Zacarias 13:2 LXX menciona a atividade de "falsos profetas e o espírito impuro" (ψευδοπροφήτας καὶ τὸ πνεῦμα τὸ ἀκάθαρτον) em Israel ao mesmo tempo que a reunião das nações. Essa

Q

atividade de profecia falsa, que incentiva a idolatria (13:2), visa enganar Israel sobre a verdade (Targum Zacarias 13:2 tem "profetas enganosos e o espírito impuro"). O judaísmo identificou o "espírito impuro" de Zacarias 13:2 como demoníaco (Midrash Rabbah Números 19.8; Pesikta de Rab Kahana 4.7; Pesikta Rabbati 14.14).

Outros textos do Antigo Testamento que descrevem a reunião de exércitos inimigos para lutar contra Israel incluem Ezequiel 38:2-8 e 39:2 (aludido em Apocalipse 20:8; cf. também a LXX de Joel 4:2, 9, 12 (3:2, 9, 12); Miquéias 4:11-12; e Salmos 2:2). Em relação à expectativa de Nero, Ascensão de Isaías 4:2ff. diz que "Beliar virá na forma daquele rei, e com ele todos os poderes deste mundo" para perseguir a igreja, mas Cristo virá e os julgará. Cf. Sib. Or. 3.663: "Mas novamente os reis das nações se lançarão contra esta terra [Israel]."

Os espíritos demoníacos enganam os reis, reunindo-os no "lugar" (16:14) onde a batalha ocorrerá. O resultado, como descrito em Apocalipse 17:14; 19:14-21; e 20:7-10, é a derrota das forças do dragão e da besta por Cristo e Deus. O local da batalha, "Armagedom", não é uma localização geográfica específica, mas sim uma representação do mundo inteiro. As batalhas em Israel, associadas a Megido e a montanha



próxima, se tornam um símbolo tipológico da última batalha contra os santos e Cristo, que ocorre por toda a terra.

O Armagedom não parece ser literal

A localização de "Armagedom" em Apocalipse 16:16 tem gerado diversas interpretações. A visão tradicional, que o associa à planície de Megido, encontra desafios em algumas considerações:

- **Localização geográfica:** As profecias do Antigo Testamento sobre a batalha final situam-na em Jerusalém e no Monte Sião, enquanto Megido se encontra a dois dias de caminhada ao norte.
- **João e Jerusalém:** O próprio João coloca a batalha diretamente fora de Jerusalém em Apocalipse 14:20 e 20:8-9, usando linguagem tipológica e espiritual, e não geográfica literal.
- **Universalização:** Se Apocalipse 20:8 se refere ao mesmo evento que 16:14, como acredito que seja, a descrição de "Armagedom" como o mundo inteiro, "a cidade amada" (Jerusalém) e o Monte Sião aponta para uma interpretação universal.



•

Essa interpretação encontra respaldo em Ezequiel 38-39, que descreve o último ataque do inimigo contra o povo de Deus nas "montanhas de Israel". Essa visão se encaixa na profecia de Daniel 2, onde a pedra lançada sem auxílio de mãos destrói os pés da estátua, se torna em um monte que enche toda a terra, representando o reino de Deus que se expande por todo o mundo.

O autor de Hebreus, conecta o Monte Sião a Jerusalém celestial e a assembleia dos santos a igreja, veja:

Mas tendes chegado ao monte Sião e à cidade do Deus vivo, a Jerusalém celestial, e a incontáveis hostes de anjos, e à universal assembleia²³ e igreja dos primogênitos arrolados nos céus, e a Deus, o Juiz de todos, e aos espíritos dos justos aperfeiçoados, Hebreus 12:22-23.

Portanto essas montanhas de Israel onde será travada essa batalha que Ezequiel 38-39 está se referindo em nossa interpretação é a luta do anticristo contra a igreja de Jesus.



Daniel 2 e Ezequiel 38-39: Uma Conexão Profética da Igreja de Cristo.

A visão profética de Daniel 2, onde a pedra que se torna um grande monte que enche a terra, e a descrição em Hebreus 12:22-23 (Mas chegastes ao monte Sião, e à cidade do Deus vivo, à Jerusalém celestial, e aos muitos milhares de anjos, à universal assembleia e igreja dos primogênitos...) que retrata a Igreja como um "Monte Sião celestial", parecem convergir em uma profecia de expansão global da Igreja. Se a Igreja se expandirá por toda a terra, a batalha de Armagedom, que envolve o ataque final das forças do mal contra o povo de Deus, inevitavelmente se dará em escala global.

O Apocalipse confirma essa ideia, retratando nações que se levantam dos quatro cantos da terra para lutar contra a Igreja (Apocalipse 16:14; 20:8). Essa interpretação, sugere que a batalha final não será restrita a um local específico, mas sim uma confrontação global entre as forças da luz e das trevas, com a Igreja como alvo principal.

A expansão da Igreja, portanto, implica uma luta universal, um confronto final por toda a terra. Ela se conecta com a profecia de Ezequiel 38 e 39, do último levante do inimigo



contra o Israel de Deus e sua queda. Como Paulo disse, o Israel de Deus é todo aquele que circuncidou o coração, Romanos 2:25-29.

A localização do Megido

A localização de Megido em outras passagens do Antigo Testamento (Juízes 5:19; 2 Reis 23:29; 2 Crônicas 35:20-22) pode fornecer um modelo tipológico para Apocalipse 16:16. Essas passagens narram a derrota de inimigos poderosos que oprimiam Israel, como a batalha em Juízes 4:3; 5:8, semelhante à batalha descrita em Apocalipse 16:12-14. A referência de João a "Armagedom" pode ser entendida como uma alusão a vários eventos proféticos:

- A derrota de reis que oprimem o povo de Deus (Juízes 5:19-21).
- A destruição de falsos profetas (1 Reis 18:40).
- A morte de reis enganados (2 Reis 23:29; 2 Crônicas 35:20-25).
- A expectativa de destruição de "todas as nações que vêm contra Jerusalém" (Zacarias 12:9-12).

J. Day argumenta que Zacarias 12:11 é o contexto exato para "Armagedom" em Apocalipse 16:16, devido a vários fatores:

Q

- **Unicidade:** Zacarias 12:11 é o único texto anterior a Apocalipse 16:16 que menciona "Megido" em um contexto apocalíptico.
- **Ortografia:** Zacarias 12:11 é o único texto do Antigo Testamento que usa a ortografia hebraica "mměēgiddōn", encontrada também em Apocalipse 16:16.
- **Citação:** Zacarias 12:11 é citado em Apocalipse 1:7, e João alude a Zacarias em outras partes de seu livro (Zacarias 6 em Apocalipse 6:2-8; Zacarias 4 em Apocalipse 11:4; Zacarias 14:7-8, 11 em Apocalipse 21:25 e 22:3).
- **Combinação:** A menção de "montanha" em Apocalipse 16:16 é influenciada por Ezequiel 38:8; 39:2, 4, 17, que também são aludidos na descrição de João da batalha final (Apocalipse 19:17-21; 20:7-10), e que profetizam a batalha nas "montanhas de Israel".

Conclusão:

"Armagedom" em Apocalipse 16:16, embora se refira a um local específico, representa simbolicamente o conflito final do mundo, uma batalha universal que culmina não na Jerusalém física do Oriente Médio, mas em Jerusalém celestial, um conceito que encontra



eco em Hebreus 12:22-23, que identifica a Igreja como o "Monte Sião celestial". As "montanhas de Israel", nesse contexto, representam a assembleia dos santos, ou seja, a Igreja de Deus. Essa batalha, como descrita por João, é uma fusão de diversos eventos proféticos do Antigo Testamento, que culminam na vitória final de Cristo sobre as forças do mal, inaugurando a nova criação.

Batalha Espiritual: Desvendando o Simbolismo de Armagedom

A menção do Vale do Megido (Armagedon) em Apocalipse 16:16 frequentemente evoca imagens de exércitos colossais se reunindo para um confronto físico final em Israel. Essa interpretação literal, porém, limita a profunda significância espiritual do evento descrito no Apocalipse. Uma leitura atenta do texto, especialmente de Apocalipse 20:8-9, revela uma batalha que transcende o campo geográfico, atingindo a esfera espiritual. As nações que se reúnem "dos quatro cantos da terra" não representam exércitos físicos, mas forças espirituais, ideologias e poderes que se opõem a Deus e à Sua Igreja. O Vale do Megido, palco de inúmeras batalhas históricas, torna-se, então, um símbolo poderoso da luta milenar entre o bem e o mal. O ataque não é direcionado a Israel como nação física, mas à



"Israel espiritual", ou seja, a Igreja de Cristo espalhada pelo mundo.

A batalha de Armagedon, portanto, não é um evento futuro a ser temido, mas um conflito espiritual constante travado com armas espirituais: a verdade, a justiça, o evangelho e a fé. A vitória, nesse sentido, não é conquistada por força militar, mas pela fidelidade, perseverança e testemunho da Igreja. Em vez de alimentar o medo, o Apocalipse visa fortalecer a fé e a esperança dos cristãos, lembrando-os da soberania de Deus, da realidade do conflito espiritual e da promessa da vitória final do bem sobre o mal.

Além da geografia: A Batalha do Armagedom e o Levante de Gogue e Magogue

Gogue e Magogue possui uma relevância bíblica muito forte exatamente por se tratar de uma profecia a respeito do fim dos tempos. Assim, as divergentes linhas de interpretação tratam a profecia de Gogue e Magogue literal e outras como espiritual. Alguma fazem menção a uma etnia, nação ou um país, enquanto outros apontam para um levante final de todas as nações.

O Profeta Ezequiel foi profeta sobre Israel entre 593 a 571 a.C., Ezequiel teria então

Q

profetizado por mais ou menos por 22 anos sobre a Casa de Judá. Ezequiel profetiza no período do cativeiro babilônico, no tempo do rei Zedequias e após a destruição do Templo e é nesse momento que Ezequiel traz a Palavra de Deus para o povo.

Ezequiel escreve do capítulo 1 ao 24, um entendimento sobre o porque Deus traz julgamento sobre o povo de judá. Fala das alianças que Deus fez com Abraão, os patriarcas da fé e com Davi, fala da descendência ao trono de judá que nunca faltaria. Deus também mostra através do profeta que Ele é quem controla toda a história e que nada esta fora do seu controle.

A partir do capítulo 33, existe a promessa do futuro, onde Deus mostra que Ele planejou a restauração e a redenção do seu povo. Deus mostra que sua glória e sua presença se afastaria pelo pecado do povo, afastando-se do templo, afastando-se de Jerusalém, afastando-se da terra. Mas depois a promessa que sua glória voltaria a ser presente novamente, por isso a visão da glória de Deus não está mais restrito em um templo de pedras, ou uma cidade física geograficamente, mas agora em um templo eterno e uma cidade da qual Ele mesmo é o construtor, onde Ele vai habitar eternamente.



Onde estará então a presença de Deus? Se não será mais em uma cidade geográfica nem em um templo físico suntuoso, onde Deus habitará afinal?

Deus é quem constrói sua habitação

1 Pedro 2:4-5 - Chegando-vos para ele, a pedra que vive, rejeitada, sim, pelos homens, mas para com Deus eleita e preciosa,⁵ também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo.

Efésios 2:20-22 - edificados sobre o fundamento dos apóstolos e profetas, sendo ele mesmo, Cristo Jesus, a pedra angular;²¹ no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor,²² no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito.

O novo testamento está repleto de textos e ensinamentos espirituais que nos mostram as promessas de Deus para a aliança do Sião e não mais do Sinai (Hebreus 12.22-24), para o Israel espiritual circuncidado pelo coração e não mais um povo único étnico circuncidado



pela carne (Romanos 2:28-29), para uma Jerusalém que é celeste e não mais geográfica (Gálatas 4; Apocalipse 21).

O Templo de Ezequiel: Revelando o Templo Eterno em Cristo

Existe duas formas de interpretação para o templo de Ezequiel que está no capítulo 40 ao 48.

A primeira é usarmos uma "hermenêutica literal histórico-gramatical", ela exige que uma visão seja entendida como uma referência a uma estrutura física futura, bem semelhante ao Templo de Salomão. Esse princípio nos move a interpretar de forma literal a realidade física.

A segunda forma é a análise figurada, que nos leva a interpretar que Deus estava mostrando sombras de uma realidade futura que se cumpriria após a ressurreição de Cristo, fazendo assim a transição de alianças, mudança de sacerdócio, mudança de lei e, por fim, mudança do templo físico para o templo espiritual, que será a morada de Deus na eternidade.

G.K. Beale - O templo é a Missão da Igreja,
editora Vida Nova:



"Com base na evidência cumulativamente, chegamos à conclusão de que Ezequiel 40-48 é uma visão figurada de um templo celestial real que desceria e seria estabelecido na terra em forma não estrutural nos últimos dias. Essa conclusão se baseia em evidências encontradas dentro e fora do livro de Ezequiel. A conclusão também "se encaixa" nos padrões bíblicos-teológicos do jardim do Éden e do templo examinados nos últimos capítulos anteriores deste livro".

O tempo não estará restrito a um local específico

Ezequiel vê um edifício semelhante a uma cidade 40.2. E João vê, no Apocalipse 21, a cidade Santa, revestida como uma noiva, que cremos ser a igreja do Deus vivo.

Ezequiel fala que o nome da cidade será "O Senhor está ali". Em outras palavras, o que antes estava restrito ao Santo dos Santos agora está ampliado a toda a cidade. Jeremias 3.16,17 diz "Naquele tempo chamarão Jerusalém 'O trono do Senhor', e todas as nações nela se reunirão por causa do nome do Senhor" Ez 43.7 usa essa frase "o lugar do meu trono".



As referências de sacrifícios no Templo de Ezequiel não devem ser interpretadas literalmente, já que essas ofertas, segundo o autor de Hebreus, nos mostra que foram extintas. Por isso, entendemos que o templo é uma figura da adoração e sacrifício dos redimidos da nova aliança.

A evidência dos utensílios

Por uma análise empírica dos utensílios do templo, podemos dizer que estamos diante de um templo incomum. Isso porque alguns elementos significativos que faziam parte do Templo de Salomão e do Segundo Templo não estão presentes no Templo de Ezequiel do capítulo 40 a 48, são eles:

- 1 - a grande bacia de bronze, também chamada de mar de bronze, que ficava no pátio;
- 2 - um candelabro de ouro;
- 3 - a mesa com os pães da proposição;
- 4 - o altar de incenso no Lugar Santo;
- 5 - o véu separando o Santo dos Santos;
- 6 - o sumo sacerdote para servir no Lugar Santo e Santo dos Santos;
- 7 - o óleo da unção;

Q

8 - a Arca da Aliança no Santo dos Santos;

9 - querubins fazendo a cobertura no Santo dos Santos, na presença de Deus.

Além disso, embora o altar de sacrifícios esteja presente, sua descrição mudou: chega-se a ele pelos degraus do lado leste e não mais como no sistema anterior, uma rampa pelo lado sul.

Não existe menção dos sacrifícios da tarde, não há também da menção ao Dia da Exiação, sendo ele o último e mais importante ato sacrificial Levítico.

De fato, a descrição do Templo de Ezequiel é a mais longa descrição do interior de um templo, maior até que o Templo de Salomão. Jeremias 3.16,17 declara que não haveria mais a "Arca da Aliança" no Templo futuro, mas que a presença de Deus se estenderia sobre toda Jerusalém e não se restringiria ao antigo Santo dos Santos.

Todos os utensílios que falei acima e os atos ceremoniais que não aparecem em Ezequiel estão ligados a um símbolo profético que aponta para Cristo e a Igreja.

A falta do candelabro no templo de Ezequiel, possivelmente é porque seu símbolo histórico

Q

e redentor já foi cumprido no nascimento da igreja, na ressurreição de Cristo e na descida do Espírito Santo em Atos dos apóstolos.

Cristo está cumprindo o que parte dos objetos sagrados representavam. A ressurreição de Cristo foi o começo de uma nova criação. Um novo mundo começou a surgir através de Cristo. Uma nova aliança, um novo sacerdócio que agora é espiritual, e sabemos que quando muda-se o sacerdócio, muda-se também a lei, (Hebreus 7.12).

Portanto, a ausência desses utensílios do templo de Ezequiel parece apontar para uma metamorfose do templo físico para a criação do novo Templo de Deus, ou seja, a sua igreja.

Acreditamos que esse templo é uma metonímia do Templo de Apocalipse 21 e 22. Ele é um símbolo que aponta para uma realidade maior, realizada no sacrifício de Cristo e a purificação da Igreja, sendo agora a habitação de Deus na eternidade, a nova Jerusalém que desce do céu.

É Deus mesmo quem constrói sua habitação. Ele não habita em templo feito por mãos humanas.

Atos 17:24 O Deus que fez o mundo e tudo o que nele existe, sendo ele Senhor do céu e da



terra, não habita em santuários feitos por mãos humanas.

Deus é Espírito, Ele habita no Templo do Espírito Santo, que são os santos de todas as gerações.

Santos, agora purificados pelo corpo incorruptível que Paulo em 1 Coríntios 15.54.

Por isso o autor de Efésios diz que Deus está erigindo de nós uma morada no seu Espírito para a Eternidade, capítulo 2.19-22

E Pedro também declara isso em sua epístola, 1 Pedro 2:5 também vós mesmos, como pedras que vivem, sois edificados casa espiritual para serdes sacerdócio santo, a fim de oferecerdes sacrifícios espirituais agradáveis a Deus por intermédio de Jesus Cristo.

O fato de o templo profetizado em Ezequiel 40-48 incluir um sistema sacrificial não implica uma realidade física literal, mas deve ser interpretado à luz de Hebreus 10.1-12. A razão de a expectativa de Ezequiel ser interpretada como o início do cumprimento de uma forma talvez um tanto inesperada é a morte de Cristo, que estabelece o começo de uma nova era histórico-redentora. A obra de Cristo é agora a lente interpretativa dominante pela qual devemos entender as expectativas do AT. Em Apocalipse 11.1,2, o templo da igreja



está sendo modelado segundo Cristo, que é o verdadeiro templo.

Concluímos esse capítulo do estudo dizendo que é mais plausível que a visão do livro de Ezequiel mostre um templo celestial que estará associado ao povo escatológico de Deus do que um Templo físico terreno.

O Espírito Santo inaugura o novo Templo

Em Pentecostes, é inaugurado o novo Templo espiritual, o templo do Espírito Santo, o corpo do homem. (1 Co 6.19; At 2.1-13).

Em Gênesis 10, vemos a lista das nações que seriam divididas pelos idiomas que Deus confundiria no capítulo 11 na passagem da torre de Babel. Em Pentecostes, Deus une novamente as nações através do seu Espírito e todos se entendiam, porque falavam no seu próprio idioma. As mesmas nações que se dividiram em Gn 11 vemos sendo unidas em Atos 2.9-10, são eles: pardos, medos e elamitas, habitantes da Mesopotâmia, da Judeia e da Capadócia, do Ponto da Asia, da Frígia e da Panfilia, do Egito e das regiões da Líbia próxima à Cirene, e romanos, tanto judeus como convertidos ao judaísmo, cretenses e Árabes.



Essa teologia de Deus em Babel e em Atos 2.2 teve o mesmo fenômeno, um forte vento e vários sons.

O pecado de Babel em sua desobediência, com o castigo de confusão de línguas, agora é invertido em Atos, onde a obediência daqueles homens fez o Espírito do Senhor os unir de uma forma sobrenatural. Assim, o Espírito escatológico de Deus inicia os últimos dias testemunhando a nova criação do seu Éden restaurado.

A Busca pela Identidade de uma nação por trás de Gogue e Magogue: Um Caminho Perigoso

A tentativa de identificar a nação por trás de Gogue e Magogue, descrita em textos como Apocalipse 16:15-17; 19:19, Ezequiel 38 e 39 e Zacarias 14:1-4, tem gerado grande confusão e debate.

Embora a curiosidade sobre a identidade dessa nação que se levantará contra o povo de Deus na batalha final do Armagedom seja natural, a busca por respostas definitivas pode nos levar a caminhos perigosos.

É preciso cautela ao interpretar tais profecias, evitando especulações e interpretações literais que podem gerar medo, divisão e desviar o



foco do verdadeiro significado da mensagem bíblica.

Muitos tem estudado a profecia sem mesmo se atentar para a literatura escatológica. Essa literatura utiliza figuras, símbolos cheios de significados e muitos deles com figuras mitológicas escatológicas.

Outro ponto que o estudioso de escatologia deve ter em mente, é para quem foi escrito aquele texto, em qual contexto, e qual foi a intenção do autor ao escrever aquela carta.

Alguns intérpretes bíblicos pegam esse trecho:

Ezequiel 38:2 - Filho do homem, volve o rosto contra Gogue, da terra de Magogue, príncipe de Rôs, de Meseque e Tubal; profetiza contra ele.

Com isso eles procuram em Genesis 10.2 quem é Magogue entre os filhos de Jafé, veja: Gênesis 10:2 - Os filhos de Jafé são: Gomer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Meseque e Tiras.

Tem muitas pessoas que dizem que foi o Alexandre o Grande, sendo o grande mal que veio do norte, outros dizem que foram os Mongóis, outros que estabeleceram relações com tribos turcas, sempre houve grande candidatos para essa vaga da descendência dos jafetitas.

Q

Outros são mais geográficos olhando para um mapa entendem que as alianças de pérsia, etiópia e líbia são bons candidatos para essa vaga. Confesso que eu mesmo já identifiquei pelo mapa a cidade de Mosul a capital do Iraque como sendo a cidade de onde o anticristo se levantará para guerrear contra o povo de Deus.

Esse olhar muito intencional é parte da nossa herança. Se olharmos para o anticristo com a cosmovisão de um latino-americano vamos interpretar para o anticristo como Roma ou um papado, exatamente pelo modelo de opressão que passamos. Se olharmos com um olhar de um americano podemos ver que o anticristo tem um sabor mais Russo, exatamente pelos conflitos e disputas políticas entre esses países. E será assim a cada contexto socio político em que a nação estiver envolvida.

Percebe que essa não é uma teologia saudável. Sempre olhamos para os jornais atuais e julgamos pelas notícias socio-políticas.

A orientação da Bíblia para a escatologia final, é para celebrarmos quando essas coisas todas começarem a acontecer. Afinal ali é a vitória final e definitiva do bem contra o mal. A extinção completa do pecado, da dor, do sofrimento e também porque chegou a hora da morte morrer.



A bíblia não nos dá nenhum sinal que o mundo vai acabar em uma bomba nuclear. Portanto, olhar para os contextos de guerras e conflitos atuais pode nos tirar o foco principal da ótica escatológica bíblica.

Afinal, então, quem é o Gogue que virá de Magogue para atacar o Israel de Deus?

Então vamos ao texto:

Ezequiel 38:15-16 - Virás, pois, do teu lugar, dos lados do Norte, tu e muitos povos contigo, montados todos a cavalo, grande multidão e poderoso exército;¹⁶ e subirás contra o meu povo de Israel, como nuvem, para cobrir a terra. Nos últimos dias, hei de trazer-te contra a minha terra, para que as nações me conheçam a mim, quando eu tiver vindicado a minha santidade em ti, ó Gogue, perante elas.

O texto bíblico descreve a reunião de "muitos povos", e não apenas um, desafiando a ideia de que o conflito se limita a uma única etnia ou grupo específico. Essa multiplicidade de inimigos aponta para a dimensão universal da batalha espiritual.

A descrição de exércitos montados em cavalos, em contraste com a realidade das

Q

guerras modernas com drones, lasers e bombas inteligentes, reforça a natureza simbólica do texto. Os cavalos, símbolo de força militar na época em que o Apocalipse foi escrito, representam a união de diferentes poderes e ideologias contra a Igreja de Cristo. O "povo de Israel" mencionado não se refere apenas à nação física de Israel, mas à "Israel espiritual", como definido por Paulo: aqueles que, circuncidados no coração e não na carne, fazem parte da nova aliança em Cristo(Rm. 2:28-29).

A linguagem simbólica do Apocalipse nos chama para ir além da interpretação literal e compreender a batalha de Armagedon como um conflito espiritual em curso. As armas dessa batalha não são físicas, mas espirituais: a verdade, a justiça, o evangelho e a fé. É nesse campo, e não em um campo de batalha literal, que a Igreja de Cristo enfrenta seus verdadeiros inimigos e alcança a vitória final.

O Apocalipse 20:7-9, ao descrever a sedução de Satanás "às nações que há nos quatro cantos da terra", revela a dimensão global da batalha espiritual. Gogue e Magogue não representam um exército específico ou uma única nação, mas a união de diferentes poderes e ideologias que se opõem a Deus e à Sua Igreja. O texto, em linguagem poética, descreve essa investida contra o "acampamento dos santos e a cidade querida". Essa metáfora ilustra a realidade da

Q

Igreja, que, mesmo dispersa pelo mundo, permanece unida em Cristo, alvo da oposição das forças do mal.

Essa oposição se manifesta de diversas formas: perseguição política, intolerância religiosa, ideologias mundanas e a erosão dos valores morais. É uma batalha travada não com armas físicas, mas com as armas espirituais da verdade, da justiça, do evangelho e da fé. A intensidade desse conflito se intensifica à medida que a história se aproxima do seu clímax, culminando com o retorno de Cristo para julgar os ímpios e aqueles que perseguem a Igreja.

É urgente, portanto, não nos deixarmos levar por interpretações literais ou sensacionalistas da escatologia, influenciadas pela mídia ou por eventos políticos. O propósito dos textos apocalípticos, seja em Daniel, Ezequiel ou Apocalipse, é fortalecer a fé e a esperança do povo de Deus. É um chamado à perseverança, à fidelidade e à confiança na vitória final de Cristo, que com um sopro de Sua boca subjugará as forças do mal(2 Tes. 2:8). Lembre-se: a nossa esperança não reside em análises geopolíticas ou especulações sobre o futuro, mas na certeza da soberania de Deus e do triunfo final do bem sobre o mal.



A Ação de Jesus sobre o Iníquo: Além da Aniquilação Literal

Em 2 Tessalonicenses 2:8, Paulo afirma que Jesus destruirá o iníquo com o sopro de sua boca. É crucial entender que essa descrição utiliza linguagem figurada, apontando para a ação poderosa de Deus e não para uma aniquilação física literal.

A imagem do sopro divino simboliza a manifestação da justiça de Deus, separando o bem do mal, assim como descrito nas parábolas do Joio e do Trigo e das Ovelhas e dos Bodes.

É nesse momento de separação, realizado pelo poder divino, que os justos, "os benditos de meu Pai", serão acolhidos à direita de Deus, enquanto os injustos, "os malditos", serão destinados à esquerda, enfrentando as consequências de suas ações.

O anticristo não será derrotado por nenhuma força da terra. Ele parecerá um inimigo invencível (Ap 13.4). Porém, quando Cristo vier na Sua glória o matará com o sopro da Sua boca e com a manifestação da Sua vinda (2.8). Os verbos “matar” e “destruir” não significam aniquilar, pois Apocalipse 20.10 indica que Satanás e seus ajudantes serão atormentados no lago de fogo para sempre.



A Invasão pelo Norte: Interpretação Histórica e Simbólica

A localização geográfica de Israel, com o Egito ao sul e outras nações ao norte, naturalmente tornava a fronteira norte a mais vulnerável a invasões. Historicamente, diversos inimigos, como a Babilônia, atacaram Israel vindos do norte.

Essa realidade geográfica se reflete em textos bíblicos, como em Jeremias 1:14; 4:6; 6:1, onde o profeta menciona a ameaça do norte, referindo-se à Babilônia. Essa constante ameaça vinda do norte consolidou a ideia, presente em algumas interpretações, de que o mal se levanta por essa direção.

Entretanto, é importante analisar o simbolismo por trás da "invasão pelo norte". Textos como Apocalipse 16:12, que descreve o anjo derramando sua taça sobre o rio Eufrates para abrir caminho para os reis do oriente, demonstram a complexidade da linguagem apocalíptica.

O "mal vindo do norte", nesse contexto, transcende a geografia. **Ele se torna uma metáfora para:**



- **Oposição a Deus:** Representando forças que se rebelam contra a vontade divina.
- **Ameaça à fé além das fronteiras:** Simbolizando os desafios e perseguições enfrentadas pelo povo de Deus.
- **Distância da presença divina além da cidade santa:** Referindo-se a tudo aquilo que se opõe à luz e à verdade de Deus.

Portanto, a invasão pelo norte, presente em diversos textos bíblicos, deve ser compreendida em sua dimensão simbólica, representando a constante luta entre o bem e o mal, a necessidade de vigilância e a confiança na vitória final de Deus.

É preciso ter cuidado para não interpretar literalmente essa representação, caindo em especulações geográficas e ignorando a riqueza da linguagem simbólica presente nas Escrituras.

Ezequiel: Do Julgamento à Restauração - Um Apocalipse de Esperança

O livro de Ezequiel, em sua emocionante narrativa, aborda temas como o pecado, o

Q

juízo divino, a redenção e a restauração de todas as coisas. Deus, em sua justiça, primeiro volta seu olhar para "sua casa", buscando corrigir os erros e julgar o pecado de seu povo, antes de voltar-se para as demais nações.

A glória divina, antes presente em lugares santos como Jerusalém e o Templo, é retirada como símbolo do juízo. Entretanto, a partir do capítulo 39, Ezequiel nos apresenta uma mensagem de esperança: a restauração de todas as coisas.

Utilizando a linguagem simbólica característica do gênero apocalíptico, o profeta descreve a construção de um novo templo (Ezequiel 40-48), que transcende a materialidade. Esse templo, em sua essência metafórica, aponta para uma realidade espiritual: a transformação do templo físico em um templo virtual, inaugurado com a vinda do Espírito Santo em Atos 2. Podemos até chamar de uma metamorfose.

Assim, Ezequiel, em sua mensagem profética, nos convida a enxergar além do juízo, enxergando a promessa da restauração e a concretização do Reino de Deus, um reino espiritual que transcende limites geográficos e temporais, onde a geografia do sagrado foi substituída pelo Espírito da Palavra guiando crentes em direção à Cristo.



Doxologia

Ao longo deste estudo, exploramos a profecia de Gogue e Magogue e a batalha do Armagedom, confrontando diferentes interpretações e buscando uma compreensão mais profunda do significado desses eventos apocalípticos.

Vimos que a tentativa de identificar Gogue e Magogue com uma nação ou etnia específica pode levar a conclusões equivocadas e desviar o foco da mensagem central. As Escrituras nos mostram que a batalha final transcende as fronteiras geográficas e étnicas. Trata-se de um embate cósmico entre o bem e o mal, entre Deus e as forças que se rebelam contra Sua vontade.

A linguagem simbólica utilizada em Ezequiel, Apocalipse e outros textos proféticos nos convida a olhar além da literalidade. A invasão pelo norte, a figura do anticristo e a batalha final representam a realidade espiritual da luta contra o pecado, a perseguição e os desafios enfrentados pelos que seguem a Cristo.

A certeza que carregamos, como cristãos, é que a vitória final pertence a Deus. O triunfo do bem sobre o mal, a justiça divina e a redenção final são promessas que ecoam através das Escrituras, alimentando nossa



esperança e fortalecendo nossa fé em meio às tribulações do mundo.

Que este estudo nos inspire a viver em vigilância, prontos para resistir às investidas do mal e confiantes na soberania de Deus, que conduzirá todas as coisas para a realização de Seus propósitos eternos.



Referências Bibliográficas

Livros

- Beale, G. K. (Gregory K.). *The book of Revelation: a commentary on the Greek text.* (The new international Greek Testament commentary). Grand Rapids, MI: Eerdmans, 1999.
- Koester, C. R. *Revelation: a new translation with introduction and commentary.* (The Anchor Yale Bible). New Haven: Yale University Press, 2001.
- Bauckham, R. *Climax of Prophecy: The Book of Revelation in the History of Biblical Interpretation.* Edinburgh: T&T Clark, 2006. p. 23.
- Barr, J. “Apocalypse of John as Oral Enactment.” *New Testament Studies*, vol. 28, no. 1, 1981, pp. 1-17.
- Kovacs, J. e Rowland, C. *Revelation: the apocalypse of Jesus Christ.* Em colaboração com Rebekah Callow. London: SPCK, 2018.
- Beale, G. K. (Gregory K.). *Teologia Bíblica do Novo Testamento.* São Paulo: Vida Nova.
- Beale, G. K. (Gregory K.). *O Templo e a Missão da Igreja.* São Paulo: Vida Nova, 2018.

Q

- Douglas, J. D. *O Novo Dicionário da Bíblia*. São Paulo: Vida Nova.
- Ericsson, M. J. *Escatologia: a polêmica em torno do milênio*. São Paulo: Vida Nova.
- Formam, M. J. *Lendo Apocalipse com Responsabilidade*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil.
- Gower, R. *Novo Manual dos Usos e Costumes dos Tempos Bíblicos*. Rio de Janeiro: CPAD.
- Hendriksen, W. *Mais que Vencedores*. São Paulo: Cultura Cristã.
- Kenner, C. S. *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia ANTIGO TESTAMENTO*. São Paulo: Vida Nova.
- Kenner, C. S. *Comentário Histórico-Cultural da Bíblia NOVO TESTAMENTO*. São Paulo: Vida Nova.
- Ladd, G. E. *Esperança abençoada*. São Paulo: Shedd Publicações.
- Ladd, G. E. *As últimas Coisas*. São Paulo: Base.
- Lopes, H. D. *Apocalipse o Futuro Chegou*. São Paulo: Hagnos.
- Lopes, H. D. *Daniel o homem amado do céu*. São Paulo: Hagnos.
- Mendes, M. *Interpretando o Apocalipse*. São Paulo: Instituto Bíblico Discipular, 2023.
- Tabb, B. J. *Tabela dos Templos*. São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2023.



- Wright, N. T. *Apocalipse para Todos.* São Paulo: Thomas Nelson Brasil.
- Wright, N. T. *História e Escatologia.* São Paulo: Thomas Nelson Brasil.

Dicionários

- *Dicionário Bíblico Champlin.* São Paulo: Hagnos.
- *O Novo Dicionário Da Bíblia.* Vida Nova.

Bíblias

- *Bíblia de Estudos.* São Paulo: Thomas Nelson Brasil, 2023.

Cursos

- Sayão, L. *Gogue e Magogue estão me deixando Grogue.* Curso.
- Won, P. *Imersão do Apocalipse.* Curso.



Autores



Maxwell Mendes é Professor, escritor, pastor, teólogo e fundador do Instituto Bíblico Discipular e do Ministério Papo com Deus. Bacharelando em Teologia pela Unicesumar/PR



Euber Lucas é Professor, escritor, teólogo, licenciado em História. Especialização em Fundamentos do Ensino de Filosofia e Sociologia, Bacharelando em Teologia pela UNICESUMAR /PR e cofundador do Instituto Bíblico Discipular.



Créditos

Para reproduzir nosso material é necessário citar a fonte: Ministério Papo com Deus e Instituto Bíblicos Discipular na pessoa dos professores Pr. Max Mendes e Euber Lucas.

+ de Nossos Conteúdos:

Papocomdeus.com.br
Institutobiblicodiscipular.com.br

Equipe Papo com Deus:

- Max Mendes
- Euber Lucas
- Vanessa Mendes
- Lucas Mendes
- Antonio Prado
- Ginis Carvalho
- Pr. Tchingungu (Angola)